

FREIO no crescimento

Queda no Produto Interno Bruto é reflexo da retração no consumo e de menos investimentos na produção. Cenário não deve mudar até julho por causa das altas taxas de juros

VICENTE NUNES E
SHEILA RAPOSO

DA EQUIPE DO CORREIO

A economia brasileira começou o governo de Luiz Inácio Lula da Silva em franco processo de encolhimento. No primeiro trimestre do ano, o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país, registrou queda de 0,1% em relação aos últimos três meses de 2002. Resultado da forte alta dos juros no final do ano passado. A se confirmar a expectativa dos especialistas, de que o PIB também será negativo no segundo trimestre, o país estará, tecnicamente, mergulhado na recessão. Essa previsão é baseada em um fato concreto: a elevação dos juros promovida pelo governo Lula, nos dois primeiros meses do ano, só está se refletindo agora na atividade econômica.

“Não há como não ser pessimista. O primeiro semestre do ano foi todo perdido” disse o economista-chefe da Consultoria Global Invest, Marcelo Ávila. “Mesmo que o Comitê de Política Monetária (Copom) retome o processo de queda dos juros em junho, a reativação da economia só será sentida nos últimos três meses do ano. E olhe lá”, acrescentou o coordenador de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castello Branco. Segundo ele, juros altos são mortais para a atividade econômica. Tanto que a queda do PIB foi puxada, principalmente, pela retração no consumo das famílias e diminuição dos investimentos do setor produtivo. Em relação

Emerson Souza/Agência RBS 03.09.01



O SETOR AGRÍCOLA, ÚNICO QUE CRESCER NO TRIMESTRE, DEVE SER EXEMPLO PARA QUEM QUER TIRAR O BRASIL DO ATOLEIRO, SEGUNDO O MINISTRO PALOCCI

aos últimos três meses de 2002, o consumo encolheu 0,6% e os investimentos, 4,6%.

As informações do IBGE e as previsões dos especialistas provocaram reação imediata do governo. O ministro da Fazenda, Antonio Palocci Filho, disse que “crescimento não vem por geração espontânea, não brota em árvore”. No seu entender, a expansão da economia não depende somente da queda das taxas de juro. Mas de um amplo trabalho, tanto do

governo quanto do setor privado. “Não estou na torcida, estou trabalhando”, afirmou, para reforçar que está fazendo sua parte.

Agricultura

Segundo o ministro, o setor agrícola, o único setor da economia a apresentar crescimento (3,7%) no primeiro trimestre, quando comparado ao último de 2002, deve servir de exemplo para os que querem tirar o Brasil do atoleiro. A indústria encolheu 2,2% e o setor

de serviços não registrou variação. “O país não tem do que se lamentar. Tem de trabalhar para que o crescimento do setor agrícola se estenda a outras áreas”, assinalou. Palocci disse mais: que há uma lista imensa de medidas a serem tocadas para que o país retorne aos trilhos do crescimento. “É preciso melhorar a infra-estrutura, investir em tecnologia e iniciar uma política industrial.”

Para isso, enfatizou o ministro, não é necessário que o Brasil fi-

que esperando a queda da inflação, mas ataque em todas as frentes. Ele reconheceu, porém, os efeitos colaterais do arrocho que o governo está impondo ao país, ao executar uma política monetária tão restritiva. “Estamos diante de uma difícil equação, ao ter de conciliar o controle da inflação com o estímulo à atividade produtiva. “Mas isso é o melhor possível a fazer neste momento.”

Nem mesmo o fato de o IBGE ter apontado crescimento de 2%

no primeiro trimestre, frente a igual período do ano passado, diminuiu o desânimo de economistas e do governo. É que, no início de 2002, o país estava praticamente parado, ainda sob os efeitos do racionamento de energia elétrica e da crise econômica da Argentina. Nos últimos 12 meses, encerrados em março, o PIB teve crescimento 2,2%.

Segundo Castello Branco, da CNI, a política monetária adotada pelo governo Lula, que já comprometeu o primeiro semestre de 2003, pode estender seus efeitos até o final do ano. “A reversão será possível somente com boas condições de financiamento para o crescimento, como juros mais baixos”, afirmou. Diante desse quadro, o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, classificou a situação como desesperadora.

“O remédio que o governo Lula está dando para conter a inflação é o mesmo usado pelo governo passado”, criticou o sindicalista. Ele disse que está conversando com outras centrais sindicais para fazer uma grande pressão pública contra as medidas econômicas do governo. “O desemprego é alarmante. O povo brasileiro votou contra isso. Se persistir, vamos para as ruas”, avisou.

Em Brasília, onde mais de 90% das empresas encaixam-se no perfil de micro, pequenas e médias empresas, os efeitos colaterais dos juros altos contra a inflação são cruéis. Por isso, afirmou o presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Antônio Rocha, o governo precisa reverter sua política econômica o quanto antes.